

ERA UMA VEZ...

A MINHA VIDA

Litas Ricardo



CAPÍTULO I

Já dizia a minha mãe "...*não temos necessidade de expor a nossa vida a público, já chegam as invenções dos vizinhos...*". Quem sabe se por sempre ter concordado com ela ou se por uma questão genética, cresci muito comedida, confundindo-se facilmente com timidez.

Assim, em grupo, apesar de ser expansiva com quem me rodeava, também era uma pessoa que preservava os assuntos da família. No entanto, preservava ainda mais os meus assuntos, os pessoais, o que quer dizer que nunca abria o meu coração e muito menos expunha os meus sentimentos. Tantas vezes os meus pais, com muito carinho, me abordaram para falar com eles sobre mim, mas eu não o conseguia fazer. Não é fácil ser-se assim, por isso, eis um conselho: devemos ter sempre alguém a quem confiarmos as nossas angústias, os nossos medos, as nossas alegrias ou mesmo o nosso amor.

Considero que nunca fui tímida mas sim uma fortaleza em convicções, de tal forma que tantas vezes as coloquei à frente de assuntos muito importantes na minha vida. Eis uma lição que só quando temos uma certa idade é que conseguimos apreciar e medir melhor. Desta análise, muitas vezes resultam alterações radicais... Ou não... Continuo a acreditar que há um enorme leque de situações da nossa vida, que nunca, mas nunca se altera, molda-se.

Os meus pais, tidos na sociedade como boas pessoas a todos os níveis, eram consequentemente muito conhecidos e influentes, pelo que participavam imenso em convívios. Desde festas em casa de amigos ou conhecidos, a piqueniques comunitários ou mesmo a bailes de bairro, eles estavam sempre presentes. Aliás, caso se retraíssem, eu fazia de tudo para que voltassem atrás. Era um prazer acompanhá-los até porque era a minha forma de interagir em sociedade. Bem, agora creio que sou uma pessoa de fortes convicções, expansiva e extrovertida.

Ouvir, perceber e observar as reações de cada pessoa individualmente perante as diversas adversidades ou simplesmente perante as alegrias, sempre foi para mim a melhor forma de aprender. Sim, de aprender. Considero que as diversificadas histórias de vida de cada pessoa, as verdadeiras lições de vida, lições vividas e contadas na primeira pessoa e que foram um dia reais, são a maior fonte de aprendizagem que existe. Os valores familiares, morais ou profissionais, as crenças, os pensamentos positivos ou não, são para mim a base da formação de cada um de nós. Por isso,

quanto mais conhecermos, melhores pessoas podemos vir a ser. Tantas vezes venci limitações com ânimo e persistência, porque a mensagem que um dia ouvi de alguém, me deu forças suficientes para lutar.

Talvez estes tenham sido os verdadeiros motivos, que me transformaram numa mulher forte e lutadora e ao mesmo tempo dura relativamente às minhas convicções, ou aos meus princípios. Sim, esta é uma das diversas ilações que hoje retiro da minha vida.

Hoje sei que à medida que se vai crescendo e amadurecendo, que se constrói uma vida familiar, especialmente com a chegada e o crescimento dos filhos ou mesmo a chegada dos netos, como já é o meu caso, a nossa memória cada vez mais se concentra no passado. Pelo menos foi o que me aconteceu, levando-me a sublinhar o que ouvia dos outros, dos mais velhos, dos mais vividos, que contaram um dia a sua história de vida. Recordar os momentos mais intensos, quer tenham sido bons ou não; recordar as brincadeiras, a amizade, a raiva, o amor e tantos outros sentimentos, passa então a ser muito natural.

É minha convicção que o conjunto destes ingredientes são um grande ensinamento para quem nos ouve, por isso, sinto que chegou o momento certo para registar as ocasiões que ficaram gravadas no meu coração e no meu pensamento e de partilhá-las, mais não seja para que os meus descendentes fiquem a conhecer melhor quem foi a sua mãe ou a sua avó, e também para homenagear as pessoas que fizeram parte da minha vida, especialmente as que me amaram e que tanto me ensinaram.

A minha história de vida é apenas uma simples mensagem, a acrescentar a tantas outras, para quem a ler. É uma reflexão que caberá a cada recetor interpretar da forma que a sua própria vivência lhe transmite. Talvez seja um pensamento confuso e vago para muitos, mas para mim não, para mim, faz todo o sentido. Eis o meu real pensamento: *"nós somos o produto do que a vida nos dá e as histórias que conhecemos podem ajudar-nos a escolher caminhos"*

Não digo que a minha vida seja diferente das outras pessoas e que mereça grande destaque ou distinção, mas é a minha vida. É uma vida carregada de momentos que, de certa forma, foi e ainda é maravilhosa, mesmo com todas as dificuldades que se atravessaram no meu caminho, mesmo com todas as lágrimas que os meus olhos verteram quer por alegria quer por tristeza, ou mesmo com todas as ações compreendidas ou não pelos que viveram e vivem mais perto ou mais longe de mim.

Nem sei muito bem porque acabo de escrever esta última linha, uma vez que nunca me preocupei com a opinião alheia. Aliás, o importante para mim não é o que os

outros pensam de mim, mas sim o que penso deles.

Lá porque alguém não gostou de me ver com uma peça de roupa e me criticou, eu deveria de a deixar de usar mesmo que me sinta bem ao espelho? Só porque alguém se preocupou com a minha vida e acreditou que podia ser errado eu ir a um qualquer evento, seja qual for, eu não deveria de ir apesar de reconhecer que ia sentir-me bem? Só porque alguém deixou de falar com uma determinada pessoa, acreditando que eu deveria fazer o mesmo, eu deveria de seguir tal conselho? Não. Nunca. Jamais.

As minhas raízes e eu mesma somos deste belo país, Portugal, o que muito me orgulha. Este é sem qualquer dúvida, um país maravilhoso. Tem história, tem paisagens magníficas, tem boa gente, tem um sentido de bem receber. Sempre ouvi dizer que só neste país é que existe a palavra saudade, o que deve querer dizer alguma coisa. No entanto, a minha infância e adolescência foram vividas em Inglaterra.

Os meus antepassados eram naturais e residentes do norte deste belo país. Os meus avós maternos, apesar de serem pobres financeiramente, eram pessoas excecionais, muito ricas como seres humanos e tinham uma dignidade inigualável. Tiveram duas filhas que foram extraordinariamente grandiosas até ao final das suas vidas. A minha mãe e a minha tia estavam constantemente preocupadas com eles e fizeram sempre questão que nunca lhes faltasse nada, especialmente atenção e carinho.

Quanto aos meus avós paternos, apesar de nunca ter conhecido a minha avó, por ter falecido no parto do seu último filho, o meu pai, eram muito diferentes. Recordo-me muito bem que o meu avô não nos recebia com a mesma alegria e... Talvez seja melhor deixar as más memórias arrumadas na caixa do esquecimento que guardei dentro de mim e que raramente abro. Da parte dos meus avós paternos, nasceram seis filhos e as minhas recordações em relação aos meus tios e primos, infelizmente não são nada boas.

As dificuldades políticas e económicas do tempo de infância e adolescência dos meus pais foram imensas. Tanto se escreveu sobre o regime político na época do Salazar, da ditadura, da pobreza e de outras realidades e necessidades diárias. Muito se trabalhava para se colocar comida na mesa e fazer face a outras faltas. Diziam os meus pais, que os meus avós trabalhavam de sol a sol para poderem ter uma vida mais digna.

Com a certeza de que não iam conseguir ter uma vida financeira melhor, até porque queriam construir uma família e dar mais aos seus filhos do que eles tiveram, os meus pais decidiram deixar este belo país e emigrar para Inglaterra para trabalhar, o que aconteceu logo após o casamento. A decisão surgiu na sequência do convite e

da experiência de uns amigos e vizinhos de infância que já lá viviam há alguns anos, facilitando a integração dos meus pais num mundo desconhecido.

A minha mãe foi integrada na equipa de limpezas num hotel gerido por portugueses, e o meu pai na construção civil. Segundo eles contavam, e eu escutava com muita atenção e admiração, os primeiros tempos passados naquele país foram muito difíceis. Desde a barreira da língua a um estilo de vida completamente diferente, passando inclusivamente pela comida, a todo o momento eles pensavam na família e nos amigos que deixaram na terra natal.

Nasci passados dois anos dos meus pais terem casado. Apesar de tanto eles como eu termos tido mais vantagens se eu ficasse com dupla nacionalidade, eles fizeram questão que eu, e mais tarde a minha irmã, nascêssemos em Portugal. Aquando do meu nascimento, a minha mãe teve de vir sozinha para casa dos pais, pois naquela altura o patrão do meu pai não o dispensou para a acompanhar num momento tão especial que foi o nascimento da sua primeira filha. Todavia, dizia ele heroicamente, conseguiu sobreviver. No dia em que nasci, contra tudo e contra todos, o meu pai correu para junto de nós e não conseguiu regressar ao seu trabalho sem levar a esposa e, claro, a sua princesa Helena.

Esta ação foi mais lenha para a tórrida fogueira das brigas familiares, uma vez que serviu de pretexto para os meus tios acusarem os meus pais de quererem educar a sua sobrinha longe da família, acusando inclusivamente o meu pai de os considerar como lixo, o que não era verdade. O mais incrível, é que ainda acrescentavam que não podiam ficar com o pai a seu encargo para os meus pais ficarem a enriquecer, etc. Questões familiares foram, ainda são e sempre serão situações muito complicadas.

A bem da verdade, creio que o meu avô e os meus tios paternos sempre culparam o meu pai pela morte da minha avó. Segundo o que a minha mãe nos dizia às escondidas do meu pai, ele passou uma infância e adolescência muito triste. Os castigos eram o seu dia-a-dia. Por várias vezes teve de fugir da sua casa para a casa dos meus avós maternos. Com uma expressão facial marota, ainda mãe acrescentava que ele dormia no palheiro, mas cá para mim nesse tempo já eles andavam a fazer planos de vida conjunta.

Apesar destas questões e do facto das viagens serem muito caras, vínhamos três a quatro vezes por ano a Portugal. Ficávamos sempre em casa dos meus avós maternos, claro. Que saudade sinto deles. Tanto mimo, amor e carinho recebi, e posteriormente também a minha irmã.

No Natal, na Páscoa e na altura da festa da terra, cá estávamos nós junto dos que amávamos. Nestas alturas, os meus pais enchiam a despensa das casas de ambos os meus avós com tudo o que a terra não dava, além de que também

mandavam dinheiro mensalmente. No entanto, nem isso acalmava os meus tios.

Nem me faz bem recordar como ambos foram tratados por eles na velhice, até porque os meus tios estavam sempre a falar mal dos meus pais. Mas isso não importa pois já passou tempo demais para guardar rancor.

Passados dois meses de perder o meu último avô, perdi também os meus pais num trágico acidente de viação. As pessoas que me amaram, mimaram, educaram e acompanharam em todos os momentos bons e maus da minha vida, mesmo com a enorme distância que existia entre nós, tinham partido. Eis o primeiro momento da minha vida e da vida da minha irmã em que nos abraçámos. Eu tinha vinte e dois anos e ela, dezanove.

Fiquei louca. Senti-me completamente perdida. Porquê comigo? Porquê com eles? Porquê tal tragédia na minha família? Creio que todos nós fazemos estas e outras questões na altura da perda dos que amamos.

Sem conseguir viver naquele país que me viu crescer, por ter tanto sofrimento no meu coração, decidi vir para Portugal. Achei que se fosse para casa de quem tanto me amou, dos meus avós maternos, conseguia acalmar a dor que sentia destas perdas irrecuperáveis. Apesar de estar a terminar o meu curso de gestão de empresas, pois meu pai queria muito que ambas as filhas tivessem formação superior e que um dia ficássemos à frente da empresa de construção que ele e minha mãe tinham erguido, a verdade é que eu não tinha forças para continuar.

Assim, resolvi vender quase toda a minha parte da empresa que fiquei por herança à minha irmã e segui os meus sentimentos. Não me custou deixá-la uma vez que nunca fomos muito unidas. Com nostalgia recordo os esforços que os meus pais sempre fizeram para nos unir. Constantemente falavam connosco sobre a importância de sermos uma família unida, sobre a tristeza que sentiam por não sermos mais amigas, e ainda do quanto detestariam que fôssemos como os nossos tios, mas inexplicavelmente nunca resultou. Nunca concordávamos com nada. Se uma dizia que o céu era azul, a outra dizia que era verde. Éramos completamente diferentes e incompatíveis no nosso dia-a-dia e até na gerência da empresa discordávamos, pelo que a minha decisão também teve esta situação em conta.

Por mais que tentasse ser amiga dela, éramos tão diferentes que o esforço não resultava. Tal como já referi, sempre gostei de ter e de estar rodeada de amigos e conhecidos; sempre me empenhei em ter uma vida calma, apesar de divertida; tinha sempre uma graça para dizer, especialmente quando alguém junto de mim estava triste; fui sempre um ombro amigo para quem dele precisasse... Ela era exatamente o oposto. Nem parecia que éramos filhas dos mesmos pais tal era o fosso existente entre nós. Não quero de forma alguma afirmar com este registo que eu era melhor que

ela, mas simplesmente que eramos totalmente diferentes.

Com muita tristeza no coração, de malas e bagagens cheguei em paz à terra que acolheu os meus avós e viu meus pais crescer, pois pensei, reitero, que seria lá que ia acalmar a dor que sentia da perda dos meus mais queridos. Estava então no início do mês de maio, mês de Nossa Senhora, mês de esperança, o que me deu mais força e alento para abandonar uma vida construída em Inglaterra.

A recepção não foi muito boa. Claro que já vinha a contar com isso, mas nunca pensei que fosse impossível viver com tantos atritos familiares. Com o tempo, a nossa relação foi-se deteriorando de tal forma, que se tornou um sofrimento viver junto deles. Os meus tios constantemente martirizavam-me com historietas do passado, criticavam a educação que os meus pais me deram, falavam mal deles culpando-os de tudo o que de mal lhes tinha acontecido na vida, enfim, cansei-me de tanto ódio, quando procurava paz.

A vida merece ser desfrutada e não ser um tormento.

Sempre tive a noção e disse-o várias vezes aos meus pais, que não me enquadrava nas implicâncias familiares, por isso não fazia qualquer sentido herdá-las. Assim, passados três meses, decidi abandonar tudo e ir à procura de um lugar onde ficar e voltar a dar sentido à minha vida, ou seja, começar de novo.

Uma vez mais arrumei as minhas coisas, coloquei tudo no meu carro, e com as lágrimas a insistirem cair dos meus olhos, virei as costas e segui a minha intuição, sem qualquer rumo traçado.

Apesar de muito me ter custado tomar tal decisão, porque morar na casa dos meus avós acalentava a minha dor, a verdade é que eu precisava de paz para viver e também precisava de ganhar forças para seguir em frente, e não de acomodar-me a uma situação que me ia destruir e possivelmente aniquilar as boas memórias.

Sem saber para onde ir, por não ter nenhum caminho traçado ou pensado, e sem saber o que queria realmente fazer da minha vida, parti à deriva como se fosse uma exploradora. Gloriosa, hoje afirmo que encontrei tudo o que precisava para ser e ter uma vida feliz, apesar dos contratempos...

Durante cerca de duas semanas, dormi em residenciais e hotéis. À medida que os dias passavam, sentia-me cada vez mais só. Faltava-me um lar, uma família, um carinho, amor... Vaguear daquela forma, apesar de ter sido uma experiência muito enriquecedora, até porque também me permitiu conhecer várias pessoas e lugares com culturas muito diferentes, a bem da verdade, era realmente muito triste uma vez que não se conhece ninguém o suficiente para se fazerem amizades. No entanto eu necessitava de passar por aquele momento. Ainda hoje, depois de tantos anos

passados, tenho a certeza que foi a melhor decisão.

CAPÍTULO II

Quis o destino que durante a minha aventura exploradora, sofresse um grave acidente. Numa curva, em pleno Ribatejo, um veículo pesado de transporte de passageiros saiu fora de mão, por se ter rebentado um pneu, e bateu contra o meu carro. Depois de ter visto como ficou o meu carro, acredito firmemente que aquele não era o meu dia, ou seja, o dia em que eu iria juntar-me aos que muito amava e que já tinham partido desta vida terrena. Também acredito que estive com eles uns minutos ou umas horas, e que, provavelmente por amor ou porque a minha missão terrena ainda não tinha terminado, me reenviaram para o mundo dos vivos.

Quando acordei, não consegui ter a perceção do lugar onde me encontrava. Até perceber que estava internada no hospital levei uns dias, devido ao trauma psicológico que sofri. Até começar a recuperar a memória, a dar conta do que realmente me tinha acontecido, a obter alguma mobilidade muscular e algum alento tanto físico como psicológico, demorou cerca de cinco semanas de internamento.

Quase diariamente era visitada por um casal desconhecido. Aos poucos fomos ficando amigos o que foi extraordinário naquele momento da minha vida, uma vez que estava a passar por uma ocasião de extrema necessidade. Sentia necessidade de companhia, de amizade, de acolhimento, de compreensão, de orientação.

Extraordinariamente aquele casal acompanhou-me fortalecendo-me interior e fisicamente e nunca me pediram nada em troca. Em pouco tempo, tornaram-se únicos, especiais e indispensáveis na minha vida. Um dia, durante a visita hospitalar, expressaram o quanto gostariam de me levar para casa deles até recuperar completamente, para depois seguir a minha vida como quisesse ou tivesse planeado, ou mesmo continuar com eles. A demonstração de confiança que estavam a depositar em mim, sem me conhecerem, foi algo que muito valorizei reforçando ainda mais a nossa amizade.

Inexplicavelmente, com o coração a bater tão forte que parecia querer sair do meu corpo, aceitei a oferta sem pestanejar. Não havia nem há por aí muita gente que fizesse o mesmo.

No dia em que tive alta médica, o Alexandre e a Lurdes foram buscar-me ao hospital e seguimos diretamente para a sua casa.

- Bem Helena, esta é a nossa humilde casa. Espero que te sintas bem cá. E já

agora, não te preocupes com nada pois nós ajudamos-te no que for possível. O que interessa é que recuperes completamente - argumentou a Lurdes a sorrir, com um tom de voz calmo e sereno.

O Alexandre, seu marido, olhava-me de uma forma tão ternurenta que me provocou um arrepio que percorreu o meu corpo. Confesso que me senti envergonhada e até fugi de olhar para eles.

- Por nós ficas o tempo que quiseres. Tal como disse a minha mulher, sente-te em tua casa, sem quaisquer preocupações – reforçou o Alexandre com a voz mais doce que alguma vez tinha ouvido -, o que é preciso é que melhores para refazeres a tua vida. Não sabemos nada de ti, mas confiamos-te a nossa casa. Esperamos que corra tudo bem – concluiu num tom de voz mais forte e firme.

- Muito obrigado pela vossa simpatia e confiança. Prometo fazer de tudo para não vos dececionar. De facto preciso mesmo de ajuda e muito vos agradeço por tudo o que estão a fazer por mim. Neste momento nem sei o que fazer para vos pagar tudo o que têm feito para me ajudarem – disse nervosa com a voz trémula -. Mais uma vez obrigado por este gesto – concluí no mesmo tom a olhar fixamente para o Alexandre.

Disseram-me que não queriam que eu pagasse, mas apenas que eu repousasse para recuperar. Mostraram-me a casa e o quarto onde ia ficar. Quando reparei que os meus pertences estavam no quarto, pois o acidente tinha ocorrido mesmo em frente da sua casa e eles acabaram por tomar a liberdade de os guardar, respirei de alívio. É muito bom termos o que é nosso sob a nossa visão. A casa deles era decorada com simplicidade e gosto, tornando-a muito confortável, o que me fez sentir muito bem.

Entretanto, ainda atordoada e cansada, pedi-lhes para me deixarem descansar, e eles assim o fizeram. Quando me deitei na cama cuidadosamente feita e que emanava um cheiro muito agradável, concentrei as minhas forças para me lembrar da minha vida para poder seguir o meu caminho. A minha certeza, era que apesar de estar a ser tão bem recebida por uma família tão generosa e de me sentir bem junto deles, tinha de ir à procura da minha vida, do meu destino.

Depois de uns minutos de briga com os meus pensamentos, porquanto havia algo que incompreensivelmente me preocupava mais do que recuperar ou encontrar o meu caminho, resolvi concentrar-me nessa minha inquietação: o que se passava comigo em relação ao Alexandre? Que explicação tinha para me sentir petrificada com o olhar dele e hipnotizada com a sua voz? Estupidamente sempre que estávamos perto um do outro, sentia-me uma desconhecida para mim própria, e quando o encarava, o meu coração acelerava tanto que parecia querer saltar do meu peito. Cheguei a pensar que se notava o bater do meu coração do exterior do meu corpo.

Um sentimento desconhecido estava a tomar conta de mim desde as primeiras visitas que ele, junto com a sua esposa, me faziam no hospital. A minha cabeça estava numa grande desordem e eu começava a sentir-me perturbada e preocupada. Ao contrário de hoje, eu não sabia bem do que se tratava, sabia apenas que era um conjunto de sentimentos nunca antes sentidos.

Durante o tempo que vivi naquela casa, retribui com ações a bondade e o acolhimento daquelas pessoas, pelo que ajudei sempre nas tarefas domésticas. Reitero que à altura me fizeram sentir parte da sua família, mas...

- Olá minha menina, como está? – questionava a Senhora Aurora, a mãe do Alexandre.

- Então minha querida, como se sente? Já se lembra de mais alguma coisinha acerca de si? – questionava a Senhora Almerinda, mãe da Lurdes.

- A menina sintá-se em sua casa. Esta será sempre a sua família - afirmavam os seus pais, o Senhor António, pai do Alexandre e o Senhor Octávio, pai da Lurdes.

Passados dois meses, em pleno mês de outubro, concluí que o vazio interior que sentia aumentava dia-a-dia. Apesar dos meus dias serem preenchidos com os tratamentos de fisioterapia, com as consultas de psicologia e com a lide doméstica que eu fazia questão de executar, ainda tinha demasiado tempo para me preocupar com um sentimento que brotava no meu coração de uma forma que magoava. Recordo-me de várias vezes parar e ficar a pensar nos meus familiares queridos, e de lhes pedir para me ajudarem a descobrir o que se passava com aquele sentimento bem como a descobrir o que fazer da minha vida.

O que seria de mim? Que futuro me estava reservado? O que iria fazer? Tantas perguntas por responder!

Confesso que começava a importunar-me encontrar-me no seio de uma família que me fazia sentir bem entre eles, mas que não era a minha família. Pior ainda, sempre fora uma lutadora e naquele momento não conseguia ter nem ganhar forças para me concentrar o suficiente para encontrar o meu caminho. Atrevo-me a afirmar que havia algo a atrofiar-me o raciocínio prendendo-me àquele espaço, com vista a que não conseguisse sair do lugar onde estava. Quem sabe uma força maior.

Numa bela tarde de sol, encontrava-me à janela da sala a contemplar o lindo céu azul, quando de repente comecei a sentir-me um farrapo humano, levando-me a chorar compulsivamente. Sentei-me no chão, coloquei a minha cabeça entre as minhas mãos e chorei, chorei, chorei. Entretanto, apressadamente o Alexandre entrou naquela divisão e sentou-se à minha frente, como que a querer dizer-me que ele estava lá caso eu precisasse. Aquele corpo moreno e musculado, de tronco

semidespido e a transpirar, quase colado ao meu corpo; aquelas mãos calejadas do trabalho (ele negociava em lenha e em agricultura) colocadas sobre os meus ombros; aqueles olhos castanhos penetrantes cheios de ternura que se encontravam mesmo à minha frente, foi de perder o sentido do que estaria ou não certo.

Assim tão frágil e ao mesmo tempo tão carente, nem pensei e acabei por abraçá-lo. Naquele abraço procurei conforto para a minha tristeza e forças para continuar a viver, ou talvez não... Que calor emanava aquele corpo! Como saltava o seu coração!

- *“Meu Deus, não estou nada bem, isto é errado! Helena, o que estás a fazer? Não podes fazer isto, não podes!”* - pensei, mas hoje a minha opinião é bem diferente.

Quando percebi o que estava a fazer e o que estava realmente a acontecer, levantei-me num ápice e corri para fora de casa. Desapareci durante umas boas horas. Neste período de tempo, o meu pensamento estava somente concentrado naquele abraço que nunca poderia ter acontecido nem poderia voltar a acontecer.

- Isto não pode voltar a acontecer, não pode, não pode. Como é que me permiti fazer isto? Não estás nada bem Helena - disse várias vezes em voz alta para mim própria.

A questão que se sobrepunha, era que eu tinha mesmo vivido aquele abraço. Foi nesse momento que percebi que o meu coração estava a começar a trair-me.

Como é que eu, estando a viver com pessoas impecáveis, que maravilhosamente me receberam em sua casa numa altura da minha vida em que tanto necessitava, e sem me conhecerem, tendo assim permitido que eu entrasse nas suas vidas e nas vidas da sua família e amigos, estava a traí-los? Perguntem-me agora *“porquê a traí-los?”* e eu respondo: porque estava a amar “O” homem que não devia de amar. É verdade, eu estava a amar um homem comprometido pelo casamento. Mas como seria possível?

Durante o período de tempo em que andei a vaguear a pé, confusa e destroçada, a sentir o vento a bater-me na face molhada pelas lágrimas que teimavam sair dos meus olhos que mal conseguiam ver por onde andavam, reforcei a minha conclusão de que estava mesmo a amar quem não devia nem podia amar. Só não consegui perceber como é que me tinha permitido chegar àquele sentimento; como é que me tinha deixado chegar ao ponto de amar aquele homem que era considerado *“proibido”*, não só por ser casado como também por ser casado com alguém que me recebeu como se eu fosse da família, que me confiou a casa e que confiava em mim até para desabafar os seus sentimentos e as suas preocupações; como poderia eu estar a seguir por um caminho com o qual eu própria não concordava até porque era

contra os princípios em que acreditava. Até o velho ditado “*não faça com os outros o que não gostaria que fizessem contigo*”, que para mim sempre tinha feito todo o sentido, latejava na minha cabeça com tanta força que fazia doer o meu coração. Tanta controvérsia sem resposta, e o pior é que sentia-me absolutamente só, uma vez que não tinha ninguém com quem pudesse partilhar os meus sentimentos.

Amar aquele homem não era nada impossível de acontecer. O Alexandre era excecional, único: tudo fazia em casa e estava sempre ao lado da esposa, era um excelente ser humano para com todas as pessoas, era um exímio trabalhador, possuidor de um corpo... E também de um olhar e de um sorriso mágicos.

Na terra aquele casal era considerado o “*casal perfeito*”. Quando estavam juntos abraçavam-se e beijavam-se, e nas festas dançavam e distribuíam simpatia. O Alexandre não era daqueles homens que falavam da mulher e do casamento, ele era muito retraído nesse ponto, o que aumentava mais a minha admiração. A Lurdes, pelo contrário, não se cansava de gabar o marido e o seu casamento que classificava como “*maravilhástico*”.

Não posso dizer que não comecei a sentir ciúmes quando os via juntos, e que esse sentimento não me perturbava pois estaria a mentir. Tantas vezes me senti envergonhada por ter pensamentos atrevidos com ele, tantas vezes me senti deslustrada quando estava na presença de ambos, tantas vezes questionei onde tinha o meu coração e a minha razão, tantas outras vezes me senti a pior pessoa do mundo por me encontrar à deriva. Eis uma imensidão de sentimentos e pensamentos desordenados!

A minha única preocupação naquele momento é que tinha de regressar a casa e conseqüentemente de enfrentar a situação, a minha situação. Eu não sabia como fazer para os encarar, e também não sabia como enfrentar o Alexandre dado o meu desconforto interior difícil de explicar.

Tinha de arranjar uma boa solução visto que eu é que estava com problemas e não eles. Claro que a solução imediata passava por disfarçar qualquer sentimento ou situação que adviesse da minha parte, sem me aperceber, mas para isso acontecer tinha de me concentrar muito bem nos meus pensamentos e nas minhas atitudes.

Quando cheguei a casa, ambos estavam preocupados comigo. De facto estava desaparecida há algumas horas sem dar qualquer notícia.

- Olá, boa tarde. Peço-vos desculpa por ter desaparecido e nada vos ter dito... Desculpem-me, a sério... – estava tão nervosa que nem sabia que palavras usar - Sei que errei e vejo isso pelas vossas expressões faciais mas... Desculpem mas tinha de pensar em tudo o que me tem acontecido e entretanto as horas foram passando – não

conseguir encará-los -. A verdade é que tenho de traçar um rumo na minha vida para vos deixar... Este é o vosso lar e não posso permitir-me ficar mais tempo.

- O que se passa mulher? Ninguém está a mandar-te embora nem quero que te vás embora. Estás assim por causa de alguma coisa que tenhamos feito? – questionou a Lurdes a ver-me nervosa a andar de um lado para o outro na cozinha.

- Não, nem pensem nisso... Claro que não... Não é nada convosco, eu é que... – respondi nervosa e hesitante pois não lhes podia falar a verdade, o que me incomodava, além de que não conseguia arranjar uma desculpa melhor.

- Ora mulher, deixa-te estar à vontade. Olha que até temos muito gosto em ter-te connosco. Sabes que já te consideramos da família, não sabes? – concordei e ela insistiu com simpatia a sorrir, enquanto o Alexandre se mostrou nervoso - Helena, eu adoro-te e considero-te a irmã que nunca tive. Ainda ontem falei com o meu marido sobre esse assunto. O que dizes marido, é ou não verdade? Diz alguma coisa!

- É... É verdade sim. Helena, não precisas de ir embora a correr – respondeu o Alexandre com a voz trémula.

- Helena para de andar de um lado para o outro. Mas o que se passa contigo?

- Tenho uma dor de cabeça que...

- Vai descansar. Vai que eu chamo-te para o jantar, não te preocupes com nada. Anda vai – interrompeu-me, o que agradei em pensamento, e obedeci com agrado.

A verdade é que já não me sentia propriamente "*à vontade*". A vergonha que sentia ultrapassava tudo o que considerava como limite. Iniciámos o jantar num silêncio em que apenas se ouvia a nossa respiração.

- Mas o que se passa hoje connosco? Sempre tivemos tema de conversa às refeições e hoje não há nada para dizermos uns aos outros? - questionou a Lurdes animada a olhar para mim e para o marido.

- Desculpa Lurdes, mas além da dor de cabeça que ainda não me deixou, também continuo a tentar concentrar-me para traçar o meu futuro. Continuo à procura de respostas relativamente ao que devo ou não fazer com a minha vida e... E no que está a acontecer-me... – por segundos o meu olhar cruzou-se com o do Alexandre, dando-me a entender que ele percebeu muito bem as minhas últimas palavras.

- Claro Helena, compreendo perfeitamente bem. E tu meu amor? O que se passa? Estás bem? Também pareces distante meu querido - questionou a Lurdes num tom de preocupação a colocar a mão sobre o ombro do marido.

- Nada, nada, não se passa nada comigo mulher. Estou só a fazer contas de cabeça e a pensar no negócio que fiz hoje – respondeu com a cabeça baixa e quase

sem voz.

- Tudo bem, acredito. Daqui a pouco falamos melhor. Mudei os lençóis da cama e cheiram tão bem... – concluiu num tom provocador a piscar-me o olho.

Apeteceu-me atirar-me a ela, arrancar-lhe os cabelos e bater-lhe até a deixar prostrada no chão.

- *“Estou louca, só pode ser. Como é que nem sequer consigo raciocinar? Como é que me deixei levar para esta loucura?”* – questionei em pensamento, irritada comigo mesma.

- Então Helena, tudo bem? Ficaste estranha de um momento para o outro.

- Estou bem Lurdes, obrigado mas não tens do que te preocupar. Foi só uma guinada de dor de cabeça. Já passou – respondi uma vez mais a mentir, receosa que ela tivesse percebido de algo.

Deitámo-nos cedo. Pelo barulho produzido no quarto em frente, percebi que eles fizeram amor. Senti-me tão mal com a situação! Senti um misto de raiva não só porque eles estavam juntos como também porque estava roída de ciúmes. É verdade, estava consumida por aquele sentimento desconfortável que nos desequilibra e enfraquece, que nos faz sentir traídos por nós próprios, que nos causa dor e, naquele momento, culpa. Eis o que me estava a tirar o sono.

Após milhares de voltas na cama, em que tentei vencer aquela luta desleal, sem conseguir resultados, muito nervosa acabei por me levantar da cama para ir beber água, convicta que podia acalmar, pelo menos para passar o resto da noite melhor. Mas tal não aconteceu, pelo contrário. Quando saí do quarto, o Alexandre também saiu do seu quarto e quase colidimos no corredor.

- Desculpa - pediu em voz baixa sem parar.

Fiquei prostrada à porta do quarto com a cabeça a rodopiar por não ter percebido a razão do seu pedido de desculpa. Depois de alguns segundos, ainda pensativa, dirigi-me à cozinha e bebi dois copos de água quase sem respirar. Ao perceber barulho no corredor, olhei de relance e constatei que ele regressava ao quarto. De seguida saiu a Lurdes, que ao ver-me correu na minha direção com uma expressão de felicidade que me incomodou de tal forma que me fez sentir a pior pessoa do mundo.

- Maravilhoso, simplesmente maravilhoso. Oh Helena, tenho um marido e um amante maravilhosos, e tudo num único corpo o que é muito melhor – vangloriou-se com o ar mais deliciado que já tinha visto na vida.

- Ainda bem. Até amanhã Lurdes – despedi-me quase sem voz e com as

lágrimas a querer sair dos meus olhos.

- Boa noite, até amanhã.

Naquela noite não consegui dormir. Como podia eu dormir com aquele peso na minha consciência e com a dor de amor que sentia no meu coração? Chorei horas a fio. Sair daquela casa e ir à procura de uma vida para viver, passou a ser a partir daquele instante a minha única prioridade. Estava a precisar de paz, não de confusões.

Na manhã seguinte, só saí do quarto quando percebi que já não estava ninguém em casa. Chamei um táxi e fui até à cidade. Entrei na igreja e pedi a Deus que me iluminasse e arrancasse do meu coração o amor que sentia por quem não devia e me libertasse de pensamentos indignos. Pedi também aos meus entes queridos para ficarem ao meu lado e ajudarem-me naquele momento tão complicado, enviando-me luz e paz para o meu coração, serenidade para a minha cabeça e também calma para a minha alma.

Quando saí da Igreja, atendi a chamada telefónica da minha irmã. No final da nossa conversa respirei fundo, olhei para as nuvens escuras no céu e decidi não regressar a casa para o almoço e tomar esta refeição sozinha. Estava um dia chuvoso e frio, o que aumentou ainda mais o meu sentimento de solidão, apesar do meu extremo desejo de me isolar. Tomar aquela refeição em paz, foi como uma terapia. Necessitava tanto daquele silêncio para consultar a minha consciência e de olhar em frente sem ter de me concentrar para não a dar a entender ou a conhecer os meus reais sentimentos. Todavia, uma vez mais mergulhei numa tristeza interior por concluir que estava a ser ingrata com quem me acolheu e me tratou sempre tão bem. Para mim própria, reforcei que tinha de decidir o que fazer da minha vida, preferencialmente longe daquela terra.

À saída do restaurante, sabe Deus o porquê, encontrei o meu querido amor: o Alexandre. Recordo-me que quando olhei para ele, tive a sensação que me esperava na rua, uma vez que se encontrava parado mesmo à frente da porta do restaurante. Chovia imenso e não tínhamos chapéu-de-chuva, mas esse não foi motivo para corrermos e refugiarmo-nos em qualquer outro lugar, pelo contrário. Aquela chuvada pareceram lágrimas que caíam docemente dos nossos olhos que se cruzaram por momentos. Vê-lo ali à minha frente naquele cenário, fez-me desejá-lo.

- Olá Helena - voltei as costas e fiz um gesto para apressar meus passos, mas ele agarrou-me pelo braço -. Não precisas de fugir de mim Helena. Se não quiseres conversar sobre o que se está a passar connosco, tudo bem, respeito. Talvez possamos não nos cruzar muitas vezes mas... Acho que é muito melhor para os dois termos uma conversa – reagi -. Peço-te que penses na tua vida com calma pois a fugir nada conseguirás – acrescentou com a voz trémula.

- Porque te preocupas comigo? Porque me prendem vocês com essa conversa de que em primeiro lugar deva recuperar completamente e só depois deva pensar na minha vida? Porque estou a apaixonar-me por... Porque estou nervosa? Porque não estou a dizer coisa com coisa? O meu coração dispara e.... Bolas já nem sei que estou a dizer – comecei a chorar por me sentir tão confusa, sendo que num reflexo impensado, voltei-lhe as costas para fugir da situação, e ele nada fez, apenas me libertou o braço.

Ainda hoje questiono como foi possível dizer-lhe o que disse. Mais uma atitude impensada, impossível de ser apagada.

Era tarde quando cheguei a casa. Sem grandes conversas, acusei uma forte dor de cabeça e fui deitar-me de imediato. Já deitada, assustada comigo própria e com tudo o que me rodeava, ouvi a Lurdes a comentar com o Alexandre sobre o meu estado aquando da minha chegada a casa. Disse que entrei com um ar triste e semblante, por isso acusar uma dor de cabeça deveria de ser uma desculpa. Falaram sobre o quanto se apegaram a mim e gostariam de continuar a ajudar-me porque consideravam-me parte da família, fazendo com que o meu sentimento de vergonha aumentasse ainda mais, provocando-me raiva contra mim mesma. Senti-me tão desapontada e desiludida por estar a sentir e a agir desconforme com a minha convicção, que comecei a chorar compulsivamente.

Durante as duas semanas seguintes, andei sempre a fugir. Sentia muito medo que a Lurdes descobrisse o que se estava a passar na sua própria casa. Não que estivesse realmente a passar-se alguma coisa, mas que ela se apercebesse que algo não estava bem comigo ou seja, que eu estava perdidamente apaixonada pelo seu maravilhoso marido. Não escolhi amar aquele homem. Não escolhi amar a pessoa errada, a pessoa que estava comprometida com uma boa mulher que confiou em mim e abriu a porta da sua casa para que eu entrasse. O que fazer?

Por variadas vezes o Alexandre tentou proporcionar momentos de conversa, mas fiz de tudo para resistir a esses momentos, contrariando a minha vontade de ficar sozinha com ele.

- *“Não posso aceitar ficar com ele para conversar. Não posso, não posso. Se ficar com ele... Não, não pode ser. Amo-o e não vou conseguir resolver nada, absolutamente nada além de que... Tenho a certeza que não vou resistir, e isso não pode voltar a acontecer. Mas porquê comigo? Como arranco este amor do meu coração?”* – pensei nesses momentos.

No entanto, ouve um dia que o destino pregou-nos uma partida.

- Onde está a tua mulher? – questionei receosa e com a voz trémula, assim que

cheguei à cozinha e vi o Alexandre sozinho.

- Foi a uma consulta médica. Deve ficar o dia todo no centro de saúde. Consulta com os médicos de família já se sabe, é um dia todo por lá. Vamos almoçar? - encarou-me.

A mesa já estava composta, inclusivamente com a refeição confeccionada. Sentei-me com sentimento de culpa por ter sido ele a preparar tudo, apesar de eu não ter sabido da ida ao médico da sua esposa. Se soubesse que ficaríamos os dois sozinhos, uma vez mais tinha fugido, tenho a certeza que fugia. Como era habitual, sentei-me à frente dele. Inexplicavelmente senti que ele olhava para mim, e um arrepio percorreu-me a coluna. Não posso ser hipócrita, tenho de confessar que me senti feliz por a vida me ter posto a perna à frente, mas também me senti apavorada. Uma vez mais estava perante sentimentos tão contraditórios. Mas o que poderia acontecer? Além de eu ter sido sempre muito responsável, só tinha de me concentrar e ficar no meu canto sossegada. Aliás, agir como uma pessoa adulta, nada mais.

Eu nunca tinha amado daquela forma tão intensa, o que tornava aquele sentimento completamente desconhecido para mim. Recordo-me de pensar que me senti tantas vezes uma idiota por pensar que morria se deixasse de respirar o mesmo ar que aquele homem. Hoje sorrio quando dou por mim em silêncio a pensar sobre estes momentos.

Aos dezanove anos enamorei-me por um amigo inglês, mas foi uma relação que durou apenas cerca de um ano. Terminámos o namoro porque ele queria avançar na relação e eu não estava preparada para dar aquele passo, uma vez que não tinha a certeza se era ele o homem que queria ter a meu lado o resto da vida. No entanto, com o Alexandre, nem sequer estava a importar-me de avançar. Estranhamente sentia-me completamente disponível para o receber, o que me confundia ainda mais os pensamentos.

- *“Só posso estar a ficar louca. Como posso nutrir estes sentimentos por ele? Helena, Helena, o que se passa contigo?”* - pensei apesar de não ter quaisquer dúvidas do que estava a sentir e do que queria para mim, e de saber e ainda de repetir centenas de vezes que era errado, não obstante à enorme vontade que sentia de mergulhar naquela loucura!

De facto durante toda a refeição o Alexandre olhou-me com tanta ternura e carinho, e a sua voz era tão melodiosa e amena, que me provocou consecutivos arrepios de prazer pelo meu corpo. Continuamente ia repetindo para mim própria, em silêncio, que nada podia acontecer. Quando me desconcentrava, sentia-me como uma rainha com aquele homem maravilhoso ao meu lado, a olhar para mim de uma forma que me fazia sentir desejada. Apesar destas controvérsias, não deixei de ser forte, até

porque sempre acreditei que relações passageiras, ainda mais com homens casados, nunca na vida. Eis uma das muitas convicções que me assombravam, mas...

Ora bem, hoje afirmo que uma coisa é certa: por mais que queiramos, não temos o destino nas nossas mãos, pelo que tudo nos pode acontecer, como aconteceu. Neste momento não me recordo o porquê, mas levantámo-nos ao mesmo tempo e acabámos por tropeçar um no outro. Up's! Por segundos olhámo-nos nos olhos e foi nesse instante que o tempo parou. Foi naquele exato momento que abandonei os pensamentos racionais e as convicções em que fortemente acreditava. Os nossos corpos desejavam unir-se e conseguia-se facilmente perceber que os nossos corações estavam a explodir de amor; eles batiam dentro do nosso peito com tanta força e tão acelerados que alterou a nossa respiração que ficou ofegante. Eis o suficiente para num gesto impensado termos acabado por nos abraçar e beijar.

Nunca antes tinha sentido um beijo como aquele. Tremi quando senti a língua dele a mexer na minha, quando senti aquele corpo maravilhoso e quente a tremer de prazer colado ao meu e aqueles braços fortes a envolverem-me com uma força calculada. As minhas forças começaram a fraquejar assim que as mãos dele começaram a percorrer o meu corpo ao mesmo tempo que nos olhávamos nos olhos. Ele foi para trás de mim, e enquanto me beijava a nuca e os ombros, as suas mãos exploraram o meu peito. Pensar com o prazer que estava a sentir? Claro que não, era impossível. Virei-me de frente para ele e voltámos a beijar-nos. De seguida, ele colocou-me nos seus braços fortes e levou-me para o quarto onde eu pernoitava. Sempre sem deixar de me olhar nos olhos, como que a questionar-me se podia avançar, deitou-me na cama. Não consegui resistir e fui aceitando os seus avanços que me proporcionavam imenso prazer. Ele continuou a tocar no meu corpo que chamava pelo dele, e eu retribuí da mesma forma. Entretanto desapertou-me a camisa, depois de me ter tirado a camisola, e eu fiz-lhe o mesmo sempre a admirar o seu belo corpo e a beijá-lo. Num instante ficámos nus. Estávamos tão extasiados de prazer que desejei que aquele momento não acabasse, mas ele parou.

- Meu amor... Meu amor, amo-te tanto. Nunca amei ninguém como te amo Helena, nunca. Agora sei o que é amar. Como posso estar cego há tanto tempo? - disse calmamente enquanto as suas mãos e a sua boca continuavam a explorar o meu corpo - Desejo-te muito mas não te quero magoar. Meu amor, sabes bem qual o caminho que vai dar se continuarmos, por isso pergunto-te, queres que pare ou queres continuar e entregas-te a mim?

- Não pares Alexandre. Desejo tanto entregar-me a ti meu amor – respondi de forma firme e impensada.

Como continuava sem conseguir raciocinar, segui os instintos próprios do desejo.

Após uns instantes de preliminares, ele puxou-me contra o corpo dele de forma a puder recebê-lo dentro de mim. E assim foi. Nunca antes tinha pensado que poderia ser tão maravilhoso um momento de amor. Dos meus olhos começaram a brotar lágrimas. Foram lágrimas de felicidade mas o Alexandre ficou preocupado.

- Magoei-te amor? Estás arrependida? O que se passa contigo?

- Estou muito feliz... Estou tão feliz que tenho medo de acordar deste momento – respondi perdidamente apaixonada -. Meu amor, eu não estou arrependida do que acabou de acontecer... Ouve-me eu... Entreguei-me pela primeira vez agora, e entreguei-me por amor.

- Estás a dizer-me que nunca estiveste com um homem? Foi a tua primeira vez? - questionou surpreendido a franzir a testa, ao que confirmei - Desculpa se foi de forma diferente do que sempre sonhaste... Nem chegámos a falar do assunto.

- Não penses nisso. Foi um momento maravilhoso e tu foste fantástico comigo. Questionaste-me, lembras-te? – concordou - Aceitei avançar, por isso... Por isso o que aconteceu foi com a minha concordância. Não te preocupes que estou bem mas... - fechei os olhos em aflição.

- Mas o quê? O que tens para teres ficado assim de repente? Não correspondi aos teus sonhos e desejos? - interrompeu com uma expressão facial em que se notou bem a sua preocupação.

- Nada disso - respondi firmemente com um sorriso nos lábios -. A verdade é que temos de colocar os nossos pés na terra. Apesar de ter sido um momento de amor que nos fez transbordar de felicidade, a verdade é que não está certo o que acabámos de fazer e estou a começar a sentir-me mal por isso. Meu amor... Alexandre, além de seres casado, a tua mulher tem sido excepcional comigo, pelo que ela... - suspirei - Ela não merece esta traição. É isto mesmo Alexandre, não faças essa cara, sei que acabei de a trair, e isso não me orgulha. Desculpa mas é melhor saíres deste quarto – pedi com tristeza.

- Meu amor, minha querida princesa, eu não tenho propriamente uma vida de casado... – reagi - Ouve-me Helena, ela não é a pessoa que julgas ser... Não é fácil viver ao lado dela e... – disse nervoso a tentar encarar-me pois eu fugia.

- Isso é o que todos dizem. Por favor, não me faças isso. Não estragues um momento que foi tão feliz para mim, com frases feitas por outros. Essa é sempre a mesma desculpa. Alexandre, apesar de não ter agido bem, não sinto que mereça ser mal tratada, especialmente por ti que és a pessoa que mais amo no mundo e o homem que gostaria de ter ao meu lado o resto da minha vida – saí do quarto com os olhos cheios de lágrimas.

- Não estás a perceber. Não é uma frase feita é a realidade – insisti a tentar fazer-me parar para conversarmos -. Por favor vamos conversar como dois adultos.

Ainda consegui ouvir o seu pedido antes de entrar na casa de banho. Tranquei a porta onde ele bateu várias vezes, reiterando o pedido para conversarmos, mas eu não obedeci, não fui capaz de o fazer apesar de ter sempre acreditado que uma boa conversa poderia mudar o mundo. Meti-me debaixo do chuveiro e deixei-me ficar durante uns bons minutos a receber a água quente a cair sobre o meu corpo, numa tentativa de me acalmar, o que só aconteceu quando o deixei de ouvir. De seguida fui para o quarto a desejar que ele tivesse ido embora de casa, o que não tinha acontecido.

- Sai daqui Alexandre... Desculpa mas sai... Por favor acata o meu pedido e sai que falamos noutra altura... - reagiu – Não Alexandre... Sai que agora preciso de ficar sozinha. Por favor compreende-me e acata o meu pedido Alexandre – pedi firmemente.

- Querida princesa, sinto que tenho de ficar a teu lado neste momento. Por favor deixa-me ficar para conversarmos e percebermos o que se está a passar connosco e... – pediu a puxar o meu corpo de encontro ao dele.

- Sai! Sai! - gritei depois de conseguir soltar-me e afastá-lo de mim.

Confesso que não me recordo do que se passou de seguida. Quando acalmei, comecei a arrumar as minhas coisas de forma discreta e silenciosa. Eu tinha de sair daquela casa e tinha de encontrar uma maneira de o fazer sem se dar por isso. Por mais que quisesse e lutasse, tinha a certeza que não iria conseguir encarar mais ninguém. Sentia-me deslustrada e a pior pessoa do mundo, pelo que continuar naquele lugar era o mesmo que sofrer e desvalorizar os princípios em que acreditava, além de que traição era uma palavra que nunca tinha feito parte do dicionário da minha vida, pelo que também não estava preparada para que ela o fosse integrar.

Sempre que sentia alguém a aproximar-se da porta do quarto, deitava-me e fingia que dormia. Depois de algumas batidas, percebia que era o Alexandre que me questionava, num tom de voz muito baixo, como estava a sentir-me. Mesmo que quisesse, não lhe conseguia responder pois parecia que as palavras estavam presas na minha garganta.

Durante o resto do dia, fingi que dormia. Pelo menos consegui fazê-los acreditar, acrescentando no meu dicionário da vida, pela primeira vez, a palavra mentira. Entretanto decidi ligar para a central de táxis para pedir um serviço, a realizar pelas quatro horas da madrugada. Liguei também para um dos hotéis que ficavam a pouco mais de cinco quilómetros de distância daquela casa, e questionei sobre a possibilidade de dar entrada a essa hora.

Pareceu-me uma eternidade até a chegada do táxi, apesar do motorista ter respeitado o horário. Com a ajuda do profissional, tanto as minhas malas como eu própria saímos pela janela do quarto. Em cima da cama deixei um bilhete a agradecer tudo o que eles tinham feito por mim, desde o dia em que nos cruzámos no acidente até àquele dia. Aproveitei ainda para lhes pedir desculpa por me ir embora sem lhes dar uma justificação e sem me despedir deles, desculpando-me que detestava despedidas. Conclui acrescentando que talvez um dia nos voltássemos a encontrar. Esta foi a única maneira que encontrei para não tornar a minha fuga tão desagradável.

Assim que cheguei ao quarto do hotel, deitei-me e respirei fundo. Estava tão cansada que adormeci com alguma facilidade. No dia seguinte acordei por volta do meio-dia. Como estava faminta, deixei para trás o pequeno-almoço e acabei por escolher o almoço, que pedi para ser servido com alguma brevidade no quarto. De seguida fui tomar um banho rápido. Quando dei por mim estava a questionar-me sobre o que a Lurdes, o Alexandre e a família estariam a pensar sobre mim. Em segundos caí numa nostalgia que me provocou sofrimento. Tinha a certeza que à minha frente estavam dias bastante difíceis, dias esses que teriam de servir não só para arrancar o amor que estava alojado dentro do meu coração, como também para encontrar o meu rumo para voltar a viver, isto é: começar de novo.

- Helena, Helena, vais sentir a falta do teu amor e vais sofrer muito, mas tens obrigatoriamente de o esquecer e seguir em frente, rumo à felicidade. Vais conseguir... Vais ter de conseguir e ainda te vais rir disto tudo, por isso tens de ter forças – disse em voz alta.

CAPÍTULO III

A seguir ao almoço peguei no meu portátil, liguei-me à internet e andei horas à procura de algo que me chamasse a atenção e me levasse a um caminho para investir a minha vida e colher felicidade e amor. Assim, com serenidade e ponderação, passaram dois dias até que encontrei uma coisa que finalmente me fez sorrir e me deu alento e esperança de um recomeço de vida.

Os meus pais deixaram-nos muito bem financeiramente, e com a venda de parte da minha quota da empresa, afirmo que estava muito bem para aquele que, de repente, fazia todo o sentido ser o meu projeto de vida. Como sempre adorei o campo e tinha formação em gestão, porque não comprar uma quinta e recuperá-la? Que desafio estava a impor-me! Pelo menos, de certeza que não iria ter muito tempo para pensar no que se tinha passado na minha vida naqueles últimos meses, em especial na parte em que o Alexandre tinha entrado no meu coração e continuava a ocupar muito tempo dos meus pensamentos.

Voltei a ligar para a central de táxis e combinei o serviço para o dia seguinte. Desta vez ia até ao Alentejo. Finalmente tinha uma rota traçada, rumo a tudo o que precisava para deixar de pensar no que não devia. A noite pareceu longa pois estava muito ansiosa. Também me sentia entusiasmada por sair daquela terra e ir à conquista. Confesso, este sentimento contrariava a tristeza que sentia pelo amor que ia finalmente deixar para trás.

- Helena tem calma porque com toda a certeza que a distância vai ajudar-te a esquecer. Além disso vais chegar lá e ver um gajão alentejano que irá cair aos teus pés, e vais apaixonar-te de tal forma que te vais rir destes últimos tempos. Hás de te arrepender por teres pensado que um dia estiveste apaixonada pelo Alexandre – falei em voz alta numa tentativa de sentir e interiorizar o que estava a dizer.

Pelas seis e trinta da manhã, hora em que tinha combinado o serviço de táxi, desci e aguardei o motorista no hall do hotel. Entretanto, entre uma e outra olhadela na direção da porta de entrada do hotel, vi um homem entrar. Quando olhámos um para o outro, ficámos admirados por encontrar-nos naquele lugar.

Litas Ricardo